

**TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E  
EMPODERAMENTO FEMININO NA COMUNIDADE  
INDÍGENA CATU DOS ELEOTÉRIOS**

**COMMUNITY-BASED TOURISM AND FEMALE  
EMPOWERMENT IN THE CATU DOS ELEOTÉRIOS  
INDIGENOUS COMMUNITY**

**TURISMO COMUNITARIO Y EMPODERAMIENTO  
FEMENINO EN LA COMUNIDAD INDÍGENA CATU DOS  
ELEOTÉRIOS**

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2024.i2.p.201-220

Maria José dos Santos Pimentel  
Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo PPGTUR/UFRN  
mariapimentel978@gmail.com

Carolina Todesco  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Seridó (RN), Brazil  
caroltodesco@gmail.com

## RESUMO

No Brasil, geralmente, as iniciativas de Turismo de Base Comunitária (TBC) envolvem povos e comunidades tradicionais, com uma forte presença de mulheres a frente das atividades. A participação de mulheres no TBC, no entanto, não gera automaticamente empoderamento feminino. Nesse sentido, adotando como estudo de caso a comunidade indígena Catu dos Eleotérios, situada no Rio Grande do Norte, este estudo tem por objetivo analisar se a atuação das mulheres catuzeiras no TBC, desde 2018, desencadeou processos de empoderamento feminino e alteração da posição social da mulher indígena na comunidade. O método da pesquisa foi de inspiração etnográfica, com observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas para captar as experiências e perspectivas das mulheres envolvidas. O estudo identificou um processo de empoderamento feminino nas dimensões psicológica, social, econômica e política, influenciado pelo envolvimento delas no TBC. Apesar dos avanços, desafios como a sobrecarga do trabalho doméstico e o machismo estrutural ainda persistem na realidade das mulheres catuzeiras.

**Palavras-chave:** Turismo de Base Comunitária. Comunidade indígena. Empoderamento feminino. Catu dos Eleotérios, Canguaretama/Goianinha - RN.

## ABSTRACT

In Brazil, Community-Based Tourism (CBT) initiatives generally involve traditional peoples and communities, with a strong presence of women leading the activities. The participation of women in CBT, however, does not automatically generate female empowerment. In this sense, adopting as a case study the Catu dos Eleotérios indigenous community, located in Rio Grande do Norte, this study aims to analyze whether the work of Catuzeira women in CBT, since 2018, has triggered processes of female empowerment and changes in the social position of indigenous women in the community. The research method was ethnographically inspired, with participant observation, field diary and semi-structured interviews to capture the experiences and perspectives of the women involved. The study identified a process of female empowerment in the psychological, social, economic, and political dimensions, influenced by their involvement in CBT. Despite the advances, challenges such as the overload of domestic work and structural machismo persist in the reality of Catuzeira women.

**Keywords:** Community-Based Tourism. Indigenous community. Women's empowerment. Catu dos Eleotérios, Canguaretama/Goianinha - RN.

## RESUMEN

En Brasil, las iniciativas de Turismo de Base Comunitaria (TBC) generalmente involucran a personas y comunidades tradicionales, con una fuerte presencia de mujeres que lideran las actividades. Sin embargo, la



participación de las mujeres en TBC no genera automáticamente empoderamiento femenino. En este sentido, adoptando como estudio de caso la comunidad indígena Catu dos Eleotérios, ubicada en Rio Grande do Norte, este estudio tiene como objetivo analizar si las acciones de las mujeres Catuzeira en el TBC, desde 2018, han desencadenado procesos de empoderamiento femenino y cambio en Posición social de las mujeres indígenas en la comunidad. El método de investigación fue de inspiración etnográfica, con observación participante, diario de campo y entrevistas semiestructuradas para capturar las experiencias y perspectivas de las mujeres involucradas. El estudio identificó un proceso de empoderamiento femenino en las dimensiones psicológica, social, económica y política, influenciado por su implicación en la TBC. A pesar de los avances, desafíos como la sobrecarga de trabajo doméstico y el machismo estructural aún persisten en la realidad de las mujeres catuzeira.

**Palabras clave:** Turismo Comunitario. Comunidad indígena. Empoderamiento femenino. Catu dos Eleotérios, Canguaretama/Goianinha - RN.

## 1.INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero sobre o mercado de trabalho do turismo ressaltam a existência dos estereótipos machistas que permeiam a realidade das mulheres, que, geralmente, ocupam cargos subalternos com baixos salários e são minoria em posição de liderança (RICHTER, 2005, MINASI; MAYER; SANTOS, 2022). Esses estereótipos estão vinculados às atividades consideradas tipicamente femininas, geralmente relativas à limpeza, organização e ao cuidado com a casa e a família (ALVES; MOREIRA, 2016; ALARCÓN; MULLOR, 2018). Embora haja avanços nas condições das mulheres, ainda existem diversas barreiras a serem superadas para o alcance da equidade de gênero (CHRISTOFIDES; POLYCARPOU; VRACHIMIS, 2013; GABRIELLI, 2021; GABRIELLI; FERRO; RODRIGUES, 2022).

Por outro lado, as possibilidades de o turismo ser uma atividade capaz de mitigar as desigualdades de gênero também estão em pauta e em análise. O Relatório Global sobre Mulheres no Turismo (UNWTO, 2019), elaborado pela Organização Mundial do Turismo em parceria com a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), destaca que o Turismo de Base Comunitária (TBC) vem induzindo processos de empoderamento feminino e igualdade de gênero, em várias partes do mundo, especialmente na América Latina e Caribe.

O TBC vem ganhando notoriedade como uma forma de turismo capaz de empoderar os sujeitos locais, dando-lhes autonomia e colocando-os em papel de liderança no desenvolvimento dos seus respectivos territórios (BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, 2009; BRAGA; SELVA, 2016; ALMEIDA; EMMENDOERFER, 2023). Por estarem fundamentadas em princípios como autogestão, equidade social, cooperação, solidariedade, responsabilidade socioambiental e interculturalidade (BRASIL, 2023), acredita-se que as iniciativas de TBC possam gerar o envolvimento dos comunitários de forma mais igualitária, ampliando o protagonismo feminino nos processos de planejamento e gestão da atividade turística (UNWTO, 2019).



Com foco no empoderamento feminino possibilitado pelo Turismo de Base Comunitária, é que o *locus* dessa pesquisa se direciona para a comunidade indígena Catu dos Eleotérios, da etnia Potiguara, formada por cerca de 900 habitantes, localizada entre os municípios de Goianinha e Canguaretama, no estado do Rio Grande do Norte.

O Turismo de Base Comunitária na comunidade Catu dos Eleotérios passou a ser desenvolvido de forma mais organizada a partir de 2018 (OLIVEIRA, 2020; PIMENTEL, 2021). O TBC na comunidade depende expressivamente da atuação das mulheres catuzeiras, que atuam como detentoras do saber ancestral e na transmissão geracional de conhecimentos culturais, da culinária tradicional local, do cuidado com a terra, das plantas e bebidas medicinais e do artesanato, sendo essas atividades ligadas ao cotidiano da cultura indígena, envolvidas no turismo local.

Desta forma, o objetivo foi analisar se a atuação das mulheres catuzeiras no Turismo de Base Comunitária desencadeou processos de empoderamento feminino e alteração da posição social da mulher na comunidade indígena Catu dos Eleotérios.

A relevância da pesquisa se deve ao fato de envolver uma análise da atuação da mulher indígena no desenvolvimento da atividade turística, como também por explorar as implicações sociais, econômicas e culturais na comunidade em estudo, articulando temas como igualdade de gênero, empoderamento feminino, Turismo de Base Comunitária e comunidade indígena, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e interseccional.

O artigo está estruturado em sete seções: a primeira seção corresponde a essa introdução, com a apresentação do objetivo da pesquisa; a segunda seção contextualiza o avanço da luta das mulheres indígenas por espaços de poder e reivindicação de suas pautas de gênero; a terceira seção aborda a relação entre Turismo de Base Comunitária e empoderamento feminino; a quarta seção detalha os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa; a quinta seção apresenta a dinâmica social da comunidade Catu dos Eleotérios e seu envolvimento com o TBC; a sexta seção analisa o processo de empoderamento das mulheres catuzeiras por meio do TBC; e, a sétima seção traz as considerações finais.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 O avanço da questão de gênero em comunidades indígenas**

Historicamente, os povos indígenas resistem a um processo de massacre, opressão, silenciamento e invisibilidade de suas existências e culturas, desde a colonização (QUIJANO, 2000; KRENAK, 2015; GUAJAJARA; SANTOS, 2020; SILVA *et al.*, 2021; SOARES, 2021). Nesse sentido, Soares (2021) e Guajajara (2021) defendem que a violência infligida aos corpos das mulheres indígenas não reflete aspectos culturais dos povos originários, mas sim uma herança do colonialismo.



“Para nós a colonização é a origem das desigualdades, foi ela quem trouxe o patriarcalismo e os machismos para dentro de nossos territórios” (SOARES, 2021, p. 7). O contato com a sociedade não-indígena introduziu nas sociedades indígenas a violência doméstica, sexual e moral, como consequências do machismo estrutural, influenciando as relações sociais e culturais entre homens e mulheres indígenas (MATOS, 2012; SACCHI, 2014, GUAJAJARA, 2021; SOARES, 2021).

No processo contínuo de resistência e luta contra a perda das suas tradições e de seus territórios, o movimento dos povos indígenas no país surgiu no final da década de 1970 como estratégia de autoafirmação, resistência e politização das questões indígenas (KRENAK, 2015).

No final de 1980, o movimento indígena tomou maiores proporções, com a institucionalização e a criação de diversas organizações étnicas, período em que cresce também a atuação das mulheres indígenas na luta pela igualdade de gênero<sup>1</sup>, nas organizações coletivas e nas discussões sobre o fortalecimento de suas comunidades (SACCHI, 2003; VERDUM, 2008; MATOS, 2012). Desde então, “lideranças, cacicas e pajés, as mulheres indígenas têm conquistado representatividade nas lutas de seus povos e inspirado a participação umas das outras nos avanços pela ampliação e ocupação de seu espaço” (CONCEIÇÃO, 2018, p. 79).

Em 2002, foi criado o Departamento de Mulheres Indígenas, da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), com representantes de nove estados da Amazônia (SILVA *et al.*, 2021), que objetivaram introduzir política de gênero nas organizações e associações para tratar de pautas específicas, como a da violência contra as mulheres, a viabilização de mercado para suas produções, a desigualdade de oportunidade entre homens e mulheres quanto à capacitação e a gestão de projetos, entre outras questões. “As demandas reivindicadas pelas mulheres indígenas demonstram que elas têm unido suas vozes ao movimento indígena nacional, por um lado, mas também desenvolvendo um discurso e uma prática política a partir de uma perspectiva de gênero” (SACCHI, 2003, p. 101).

Ainda em 2002, a Fundação Nacional do Índio<sup>2</sup> (Funai) promoveu a oficina de capacitação e discussão sobre direitos humanos, gênero e políticas públicas, em que as lideranças femininas de todo o país se juntaram para trocar experiências sobre as políticas públicas de suas comunidades (MATOS, 2012). Em 2008, a Funai criou a Coordenação de Gênero e de Assuntos Geracionais para atuar: no enfrentamento à violência e prevenção de violências contra mulheres; na formação sobre direitos e reflexão sobre assuntos de gênero e geração; em atividades com mulheres indígenas para promoção de direitos sociais e de cidadania e para o fortalecimento de ações de etnodesenvolvimento, dentre outras áreas.

<sup>1</sup> Conforme Sacchi (2003), na década de 1980, surgiram as duas primeiras organizações de mulheres indígenas, ambas no estado do Amazonas, a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e a Associação das Mulheres Indígenas de Taracua, Rio Uapés e Tiquié (AMITRUT), as demais organizações de mulheres indígenas foram criadas a partir da década de 1990.

<sup>2</sup> Renomeada em 2023 de Fundação Nacional dos Povos Indígenas.



Com a crescente organização dos povos indígenas no país, aos poucos foram abertos espaços para a discussão de gênero e as mulheres indígenas assumiram novas posições dentro e fora das organizações (MATOS, 2012). Em 2016, no Acampamento Terra Livre (ATL), a maior mobilização nacional indígena do Brasil, foi realizada a primeira Plenária das Mulheres Indígenas, apoiada pelo projeto Vozes das Mulheres Indígenas, executado pela ONU Mulheres e Embaixada da Noruega, cujo objetivo é fomentar a liderança e recolher demandas específicas das mulheres indígenas dos diferentes povos (CHAVES, 2021).

É notável que nas últimas duas décadas, houve um crescimento exponencial na participação e envolvimento das mulheres indígenas nos espaços públicos e nos debates políticos, em interlocução com instituições não indígenas e institucionalização de organizações políticas de mulheres indígenas (SACCHI, 2003; GUAJAJARA, 2021). Segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2020), existem 92 organizações de mulheres indígenas presentes em 21 Unidades da Federação.

Os debates sobre as relações de gênero em comunidades indígenas exigem a compreensão das diversidades culturais desses povos e de sua estrutura social, ou seja, as relações de gênero estão intrinsecamente relacionadas aos aspectos culturais e às singularidades da organização social dos povos originários. No Brasil, existem 1.693.535 indígenas, conforme o Censo de 2022 do IBGE (2023), e em 2010, foram identificados 274 línguas indígenas e 305 etnias (IBGE, 2013). Os indígenas, portanto, não são um grupo homogêneo, mas sim uma diversidade de culturas, línguas, tradições e modos de vida. A diversidade étnica e cultural dos indígenas reflete nas distintas formas de relação com o meio, de expressões culturais, de crenças espirituais e de relação entre homens e mulheres.

A posição ocupada pelas mulheres indígenas muitas vezes está associada a funções estigmatizadas, como o cuidado com o lar, a confecção artesanal, o cultivo e a produção alimentar. Entretanto, é necessário compreender que os papéis desenvolvidos por essas mulheres vão além dessas atividades, elas estão presentes no exercício de múltiplas atuações, na esfera social, econômica e política, na busca pelos direitos coletivos de seus povos, nas articulações e movimentos indígenas (GUAJAJARA, 2021). É nesse contexto desafiador que emergem esforços de empoderamento feminino na comunidade do Catu dos Eleotérios, envolvendo o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária.

## **2.2 Turismo de base comunitária e empoderamento feminino**

O Turismo de Base Comunitária ganhou força a partir do debate acerca da necessidade de um turismo sustentável e socialmente justo, alicerçado no protagonismo da comunidade local no planejamento, execução e controle da atividade turística em seu respectivo território (FABRINO; NASCIMENTO; COSTA, 2016; ALMEIDA; EMMENDOERFER, 2023). O TBC trata-se, portanto,





de uma proposta de autogestão das atividades e serviços turísticos alinhada aos interesses e demandas da comunidade receptora (MENDONÇA, 2004; CORIOLANO, 2009; HALLACK; BURGOS; CARNEIRO, 2011).

Desta forma, TBC é considerado capaz de gerar benefícios às comunidades locais, como geração de emprego e renda, melhoria da qualidade de vida, aprendizagem de novas habilidades, empoderamento e oportunidades, especialmente, para mulheres e jovens (UNWTO, 2019). Conforme a UNWTO (2019), o Turismo de Base Comunitária oferece a possibilidade das mulheres se envolverem no turismo e assumirem papéis importantes, fortalecendo assim, a sua posição dentro de suas comunidades.

O Turismo de Base Comunitária, conforme Ferguson (2010), pode oferecer oportunidades de empoderamento para as mulheres ao envolvê-las em atividades econômicas e na tomada de decisões, mas enfrenta desafios relacionados à questão de gênero na distribuição dos benefícios. Nesse contexto, estudos recentes abordam o empoderamento das mulheres por meio do TBC, com foco em seu papel enquanto empreendedoras (VIEIRA *et al.*, 2022). No entanto, em sua obra sobre igualdade de gênero e turismo, Cole (2018, p. 2) alerta para o fato de que a compreensão do empoderamento feminino, geralmente, "lida apenas com aspectos produtivos e trabalho não reprodutivo e falha em abordar as desigualdades estruturais que estão na base de sociedades construídas sobre códigos simbólicos e normativos patriarcais". Nesse sentido, Reis (2019, p. 8), em seu estudo sobre oportunidades e desafios do TBC para a equidade de gênero, conclui: "os desafios da perpetuação da desigualdade de gênero e da tradicional divisão sexual do trabalho continuam presentes no turismo comunitário, ainda que este se baseie numa perspectiva econômica apoiada em práticas solidárias, que prezam pela sustentabilidade".

No turismo, em geral, as atividades ditas "femininas", vinculadas às tarefas como o cuidado e limpeza, são desvalorizadas e consideradas um trabalho fácil (ALVES; MOREIRA, 2016; ALARCÓN; MULLOR, 2018). Embora as mulheres desempenhem papéis significativos no turismo, muitas vezes enfrentam restrições que limitam suas oportunidades. Por outro lado, a participação das mulheres no turismo pode beneficiar em seu empoderamento, incentivando-as a buscar autonomia e a demandar por tratamento justo no trabalho e na sociedade (FERGUSON, 2010). Conforme Araújo (2016), o TBC pode contribuir de forma positiva para a autonomia financeira feminina, criar possibilidades de trabalho dentro da comunidade e promover novos espaços de sociabilização para as mulheres.

Rodríguez e Vizcarra (2015) consideram que o TBC pode promover o desenvolvimento das comunidades, por meio da redução da pobreza, geração de emprego e renda e empregar a mão de obra feminina em uma maior proporção que outros setores. No entanto, os autores apontam que



mesmo que o TBC tenha como base a gestão participativa dos residentes, ele não implica diretamente em equidade de gênero e em empoderamento feminino.

Empoderamento, em termos conceituais, é uma tarefa árdua de se delimitar, pela sua complexidade, que abarca dimensões cognitivas, emocionais e comportamentais (KLEBA; WENDAUSEN, 2009). Para Batliwala (1994, p. 130), o empoderamento tem uma dimensão coletiva, uma vez que questiona as relações de poder e “é um processo dirigido para a transformação da natureza e das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos”.

Conforme Scheyvens (1999), o empoderamento abarca aspectos sociais, psicológicos, econômicos e políticos. O empoderamento social está associado às oportunidades de sociabilização dos direitos que foram historicamente limitados para as mulheres, abrangendo questões como desenvolvimento pessoal, segurança, controle sobre a reprodução, liberdade contra casamentos forçados, acesso a oportunidades educacionais, igualdade no casamento e libertação do trabalho doméstico, como também à participação ativa na comunidade e à associação com outras pessoas. O empoderamento psicológico, de dimensão emocional e subjetiva, reflete na elevação da autoestima, que pode ser percebida de forma individual ou coletiva dentro de um contexto cultural mais amplo. O empoderamento econômico pode ser compreendido a partir do aprimoramento e gestão pelos quais as mulheres exercem controle sobre seus recursos produtivos, como a terra, oportunidades de negócios, capital, igualdade salarial em relação aos homens ou empregos remunerados fora do ambiente doméstico, ou seja, está diretamente ligado à situação financeira (SCHEYVENS, 1999). O empoderamento político está relacionado à capacidade de mobilização e à percepção das relações de poder (STROMQUIST, 2002). Implica na inclusão das mulheres em cargos de poder e autoridade e na garantia do acesso à representação política e inclusão na tomada de decisão (STANISTREET *et al.*, 2007). Cabe destacar que as dimensões de empoderamento são interdependentes, pois cada uma delas desempenha um papel importante e essencial para sustentar e impulsionar as demais dimensões.

### 3. METODOLOGIA

Para a análise do empoderamento feminino indígena por meio do Turismo de Base Comunitária, essa pesquisa abarcou a comunidade Catu dos Eleotérios como estudo de caso, utilizando técnicas de coleta de dados inspiradas na abordagem etnográfica, tais como observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Essas técnicas possibilitaram explorar as perspectivas, as experiências e os significados atribuídos pelas mulheres catuzeiras ao seu envolvimento no TBC e a realizar uma imersão mais profunda na realidade dessas mulheres e na dinâmica social da comunidade.



A observação participante ocorreu nos meses de setembro a dezembro de 2023, e teve como principal foco observar e anotar em diário de campo: a dinâmica social da comunidade; a divisão sexual do trabalho; a vida cotidiana; as reuniões da comunidade; e a execução dos roteiros de Turismo de Base Comunitária. Como uma das autoras é membro da comunidade, as anotações foram diárias e permitiram extrair as informações tratadas na seção 5 do presente artigo.

Já, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas de 5 de outubro a 20 de novembro de 2023. Foram entrevistados(as) ao todo 22 moradores(as) da comunidade, divididos(as) em quatro grupos: (i) mulheres que atuam no TBC; (ii) mulheres que não atuam no TBC; (iii) pessoas próximas às mulheres que atuam no TBC (homens e mulheres); (iv) lideranças da comunidade (homens), conforme discriminado no quadro 1. As informações coletas por meio das entrevistas estão tratadas principalmente na seção 6 do artigo.

**Quadro 1 - Entrevistas semiestruturadas realizadas na comunidade**

Perfil	Qtd.	Identificação da Entrevista	Data de Realização
Mulheres que atuam no TBC	8	1, 2, 5, 6, 11, 12, 13 e 18	05 de outubro a 20 de novembro de 2023
Mulheres que não atuam no TBC	4	7, 8, 9 e 10	
Pessoas próximas às mulheres que atuam no TBC (homens e mulheres)	8	3, 4, 16, 17, 19, 20, 21 e 22	
Lideranças da comunidade (homens)	2	14 e 15	
<b>Total</b>	22		

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Todos os procedimentos da pesquisa foram conduzidos de acordo com os princípios éticos, incluindo o consentimento informado dos participantes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos e dados necessários para a pesquisa, tendo o direito de recusar ou aceitar participar do estudo. Para preservar a identidade dos entrevistados, as entrevistas foram codificadas por números.

A análise do empoderamento feminino na comunidade do Catu dos Eleotérios foi realizada a partir das quatro dimensões de Scheyvens (1999): empoderamento psicológico, empoderamento social, empoderamento econômico e empoderamento político, explorando a experiência das mulheres catuzeiras no TBC.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 A dinâmica social da comunidade Catu dos Eleotérios e o desenvolvimento do TBC





A comunidade indígena Catu dos Eleotérios, da etnia Potiguara, faz parte da sociodiversidade brasileira que resiste para não ser invisibilizada. Situada a 72 km da capital Natal, no litoral sul do estado do Rio Grande do Norte, na divisa entre os municípios de Canguaretama e Goianinha, na comunidade residem cerca de 503 residentes na faixa territorial Catu Goianinha e 410 no Catu Canguaretama, totalizando 913 residentes.

Apesar dos esforços e do interesse da comunidade, o território ainda não é demarcado como Terra Indígena. Além da luta pelo reconhecimento do seu território, a comunidade enfrenta problemas com: desmatamento ilegal; invasão de terras; doenças alérgicas e intoxicações ocasionadas pelo uso de agrotóxicos na produção agrícola da cana-de-açúcar ao redor da comunidade (Figura 1); dificuldades de acesso devido às condições das estradas; carência de serviços de saneamento básico; e dificuldades de acesso aos serviços de saúde.

**Figura 1** - Imagem aérea da Comunidade Indígena Catu dos Eleotérios



Fonte: Acervo pessoal (2023)

A comunidade tem uma liderança, o cacique, que desempenha múltiplos papéis. Como guardião dos interesses e da identidade cultural, sua liderança é fundamentada na tradição, no conhecimento ancestral e na capacidade de articulação com instituições governamentais e organizações não governamentais, visando garantir políticas públicas que assegurem os direitos dos povos indígenas, desde a demarcação e proteção das terras até o acesso à saúde, educação e outros serviços essenciais. Desta forma, o cacique exerce um papel central na tomada de decisões dentro da comunidade.

O rio Catu, que nasce na comunidade, consiste na fonte de subsistência para os moradores que sobrevivem da agricultura familiar, por meio do cultivo de hortaliças, legumes e raízes, que são comercializados em feiras livres dos municípios vizinhos. Cada família tem uma faixa de terra às margens do rio, possibilitando que todas as famílias tenham a sua própria plantação, seja para comercialização ou para o próprio consumo.



As mulheres desempenham uma forte presença nas atividades da agricultura familiar e atuação em feiras (SILVA, 2007). Na pesquisa de campo, pôde-se observar que o trabalho agrícola é associado à masculinidade, recebendo valorização econômica, ao passo que as contribuições femininas, embora essenciais, são subestimadas e consideradas inerentes aos deveres femininos.

Na comunidade, também se observa uma significativa migração de residentes para outras regiões do país, impulsionada pela busca por uma melhor qualidade de vida. O mais comum são os homens migrarem sozinhos para outros estados em busca de emprego; quando as mulheres migram, geralmente, são acompanhadas por um membro da família ou pelo marido. Quando as mulheres migram juntos com seus maridos continuam desempenhando as atividades domésticas e o cuidado com os filhos e, normalmente, retornam para a comunidade após a aposentadoria. Em certos casos, as mulheres optam por permanecer na comunidade enquanto o marido migra em busca de oportunidades de trabalho.

Esse padrão reflete uma dinâmica na qual as responsabilidades domésticas e familiares tendem a recair sempre sobre as mulheres, enquanto os homens assumem papéis de provedores, executando atividades fora do lar. As mulheres assumem, portanto, o papel na educação dos filhos, no zelo pela casa e na gestão da economia familiar.

As mulheres também se dedicam na preparação de pratos tradicionais, com destaque para a calambica, feita à base de batata-doce e leite de coco, beijú, grude, bolo preto e produção da farinha. Confeccionam instrumentos de caça, pesca e maracas, e dedicam suas habilidades a produzir peças que transcendem o utilitário, carregando consigo significados e símbolos da identidade da cultura indígena local. Como detentoras do conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas locais, as mulheres catuzeiras desempenham um papel crucial na manutenção da saúde comunitária. Essa prática, enraizada em tradições antigas, destaca não apenas a expertise feminina, mas também a conexão profunda com a biodiversidade.

#### **4.2 O Turismo de base comunitária no Catu dos Eleotérios**

A partir de 2013, a comunidade começou a receber visitantes interessados em conhecer a primeira escola indígena do Rio Grande do Norte (OLIVEIRA, 2020), nomeada "Escola Municipal Indígena João Lino da Silva", reconhecida, em 2015, pelo Ministério da Educação (MEC). Com o passar do tempo, os visitantes procuraram conhecer mais sobre a comunidade e outros espaços além da escola, a partir de então, começou a ser ofertada trilhas na mata, com o intuito de mostrar a cultura local por meio do conhecimento ancestral das práticas de caça, pesca e da coleta de frutos silvestres, como a mangaba e o bati, dando início ao ecoturismo e ao turismo étnico que aos poucos passou a



abordar as questões de resistência, da luta pelos direitos dos povos indígenas e do processo da demarcação de terras indígenas no estado do Rio Grande do Norte.

O surgimento do Turismo de Base Comunitária na comunidade Catu dos Eleotérios teve como marco o final do ano de 2018, a partir da implementação do projeto "Atrativos nos Quintais" e da criação de roteiros turísticos baseados nas atividades cotidianas dos moradores. O referido projeto foi concebido por três jovens moradores da comunidade que eram alunos do curso de Gestão de Turismo do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Canguaretama. Os roteiros passaram a incluir visitas aos quintais dos moradores, visando valorizar as práticas culturais e oferecer uma nova fonte de renda às famílias. Além disso incluem as práticas da agricultura familiar, o conhecimento de plantas medicinais e a culinária tradicional, proporcionando aos moradores a oportunidade de apresentar suas atividades cotidianas, trocar conhecimentos e obter renda extra.

Com a chegada do turismo, os moradores começaram a reconhecer a importância de estabelecer locais de alimentação para os visitantes. Assim, surgiu o primeiro restaurante familiar na comunidade, denominado Olho do Catu, gerenciado por duas mulheres, mãe e filha. Este restaurante não apenas atende aos turistas, mas também se tornou um ponto de encontro e lazer para os próprios moradores. Com o tempo, outros estabelecimentos foram criados para atender aos visitantes, sendo notável que muitos desses espaços foram iniciativas lideradas por mulheres, embora alguns tenham encerrado suas atividades no decorrer dos anos.

No ano de 2022, foi inaugurado o restaurante no espaço Potiguar Katu, sob a gestão do Cacique e sua família, evidenciando um esforço contínuo para aprimorar as ofertas de alimentação para os visitantes. Além dos restaurantes formais, algumas famílias passaram a oferecer café da manhã em suas próprias casas, percebendo que é possível atender aos visitantes sem a necessidade de estruturas grandiosas (figura 2).

**Figura 2** - Imagens da visita turística na comunidade Catu dos Eleotérios



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

O cultivo de plantas medicinais e a produção de bebidas medicinais sempre foram práticas culturais realizadas, majoritariamente, pelas mulheres. Com o turismo esses espaços ganharam mais destaque na comunidade. O espaço do quintal da casa de uma moradora passou a ser um ponto onde os comunitários e os visitantes passaram a visitar com mais frequência e a proprietária do espaço e sua filha passaram a comercializar plantas e bebidas medicinais.

Nota-se que o turismo desenvolvido na comunidade do Catu visa contribuir para a valorização da identidade cultural indígena. Desta forma, o turismo não é visto apenas como uma atividade econômica, mas sim, como um conjunto de atividades, práticas e experiências que podem beneficiar diversos sujeitos sociais envolvidos. É nesse contexto, que o presente estudo procurou compreender se o envolvimento das mulheres catuzeiras no Turismo de Base Comunitária induziu o seu empoderamento na dinâmica social indígena.

#### 4.3 O empoderamento das Catuzeiras pelo TBC

A chegada do turismo à comunidade trouxe algumas mudanças no dia a dia dos moradores, porém, não afetou drasticamente a dinâmica local. Os moradores percebem o turismo como uma atividade que agrega valor às tarefas cotidianas que já realizavam, sem alterar substancialmente suas atividades habituais, como demonstrado pelo entrevistado 4.

Antes do turismo existiam algumas atividades que eram realizadas de forma mais frequente, mas que não deixaram de ser realizadas por causa do turismo, mas sim pela chegada da globalização que geraram novas demandas, como a retirada de madeira para fazer carvão mineral, caça e pesca, que com a chegada do agronegócio as pessoas começaram a trabalhar para os fazendeiros ao redor do Catu. Com a chegada do turismo tiveram algumas mudanças, como utilizar os recursos naturais existentes na comunidade, a cultura, as atividades cotidianas em prol do turismo, mas que gerou uma mudança significativa para os moradores acerca do reconhecimento cultural e empoderamento dos moradores em relação às práticas culturais (Entrevistado 4).

A extração de madeira para carvão mineral, a caça e a pesca foram impactadas pelo agronegócio ao redor da comunidade que absorveu grande parte da mão de obra local. O turismo, por





sua vez, gerou uma revalorização das práticas culturais locais, fortalecendo a identidade cultural dos indígenas.

O turismo também incentivou a criação de equipamentos de alimentação, há dois restaurantes na comunidade e algumas famílias oferecem café da manhã em suas próprias residências, utilizando os recursos disponíveis no território. “Ao participar do turismo na comunidade, não precisei adaptar minha casa ou cozinhar algo novo, servindo alimentos que já fazia parte do meu cotidiano, como batata, calambica, peixe, cuscuz, entre outros” (Entrevistada 5). O relato mostra que o envolvimento no turismo não alterou drasticamente a rotina, mas sim valorizou a cultura alimentar indígena.

O cultivo de plantas medicinais e bebidas ganhou destaque, especialmente pelas mulheres, como o espaço de visita conhecido como Jardim da Cura, onde são comercializadas plantas e ensinadas práticas medicinais. “Com a chegada do turismo a minha vida mudou para melhor, comecei a me dedicar ainda mais a fazer as minhas garrafadas medicinais e cuidar das plantas medicinais” (Entrevistada 6).

A narrativa destaca a influência positiva do turismo na vida da entrevistada, intensificando seu envolvimento com plantas medicinais desde a infância e transformando essa atividade em sua principal fonte de renda. Embora suas atividades diárias não tenham mudado drasticamente, o turismo trouxe oportunidades de compartilhar sua cultura e habilidades, proporcionando reconhecimento e valorização pessoal.

Os relatos obtidos na comunidade Catu dos Eleotérios destacam que as mulheres eram tradicionalmente limitadas a tarefas domésticas e cuidado dos filhos, impedidas de trabalhar em locais distantes de casa, o que as tornava dependentes dos familiares e/ou parceiros. Essa percepção não se limita à idade, mas reflete uma visão patriarcal dentro dos núcleos familiares, como evidenciado na fala da entrevistada 7.

Antes tinha mais essa questão de que só tinha atividade que era feita por homem e agente de saúde era uma delas. Antes era mais difícil da mulher sair até de casa pra participar de reuniões, de coisas da comunidade e pra tomar decisão, sempre vi as mulheres mais ali retraídas, sem poder dizer sua opinião. Elas ficavam apenas presas as tarefas de casa e não buscavam outras coisas para a vida delas, já eram criadas para cuidar da casa, dos filhos e ajudar na agricultura e nas atividades da família (Entrevistada 7).

Ao longo do tempo, as mulheres desafiaram normas tradicionais e buscaram oportunidades, destacando-se em decisões e na busca por benefícios, evidenciando mudanças significativas em sua autonomia e tomada de decisões. Elas assumiram papéis fundamentais na agricultura familiar, participando ativamente do cultivo e da produção de alimentos, além de ocuparem posições relevantes na educação e saúde, influenciando diretamente na qualidade de vida da comunidade.



As mulheres experimentaram uma mudança significativa em seus papéis na comunidade, não se limitando mais ao tradicional papel de donas de casa, mas assumindo múltiplos papéis como empreendedoras, agricultoras, artesãs, profissionais da saúde, educadoras e líderes comunitárias. No contexto do turismo, elas desempenham um papel de destaque como agentes ativas na geração de renda e no desenvolvimento local, valorizando as práticas culturais existentes e recebendo reconhecimento por suas contribuições.

As mulheres têm um papel fundamental na preservação da identidade cultural através de diversas atividades como agricultura familiar, artesanato, produção de alimentos tradicionais e cultivo de plantas medicinais. Elas compartilham seus conhecimentos em cestaria, adornos corporais, instrumentos artesanais e bebidas medicinais. As mulheres evoluíram para além do papel tradicional de donas de casa, destacando-se como artesãs, escritoras, agricultoras e participantes ativas em eventos locais e feiras. O turismo abriu oportunidades para desenvolverem habilidades, comercializarem produtos e se conectarem socialmente.

Além de ser artesã, trabalho como feirante nos finais de semana na feira de Canguaretama e faço parte do grupo de artesãs da comunidade [...] antes eu não gostava muito de sair de casa, era muito tímida e quando comecei a participar do turismo isso melhorou mais e hoje me sinto menos nervosa para falar com as pessoas (Entrevistada 13).

O turismo na comunidade tem tido um impacto notável no empoderamento psicológico das mulheres, refletido na valorização de suas habilidades, no fortalecimento de sua identidade cultural e no aumento da autonomia e autoestima. “Na minha opinião, com o turismo as mulheres são mais ouvidas, o pessoal pode conhecer o artesão e passa a valorizar mais. Acho que as mulheres devem participar do turismo, as mulheres passaram a ser mais comunicativas” (Entrevistada 10).

As mulheres relatam sentir-se mais ouvidas, reconhecidas e independentes, com uma participação mais ativa em atividades locais e uma visão mais positiva sobre si mesmas e seu papel na comunidade. “Vejo que as mulheres que participam do turismo elas começam a ter mais criticidade, autonomia e começam a ter mais apego a comunidade, não vendo o turismo apenas para benefício econômico, mas também de conhecimento mais aflorado e forte” (Entrevistado 17).

Segundo os relatos, o TBC gerou a transformação positiva na visibilidade e no papel das mulheres que participam ativamente do turismo na comunidade, o que resulta na percepção dessas mulheres sob o empoderamento psicológico.

Acho que mudou a questão da visibilidade, agora as pessoas têm um olhar mais de respeito, e me conhece como artesã e isso é bom. Acho que outras mulheres devem participar do turismo para sair da rotina ter um olhar diferente ao redor e conhecer coisas novas como aconteceu comigo (Entrevistada 2).

Essas mulheres destacam o reconhecimento, o respeito e a identidade associada ao seu trabalho, encorajando outras a se envolverem no turismo para experimentar novas perspectivas. Elas





ênfatizam a importância da participação feminina em espaços coletivos, destacando o perigo do silêncio feminino como possível sinal de violência. Ainda persistem os desafios relacionados ao machismo e aos estigmas enfrentados pelas mulheres que buscam se destacar em atividades além do ambiente doméstico, como observa-se na fala de um dos companheiros de uma mulher que participa do TBC:

Eu acho que influenciou pra melhor de como ela é vista na comunidade, hoje o povo conhece ela como uma artesã, está sendo mais reconhecida, se não ela ia está só lavando as louças em casa. Vejo que ela está mais desenrolada, fala mais com as pessoas. Não vi que ela está mais independente, ela sempre vai precisar de mim. (Entrevistado 3).

Na comunidade, as mulheres não são vistas como pessoas autônomas e capazes de serem autosuficientes, assim como também nos espaços de poder, nas reuniões da comunidade, suas vozes não têm o mesmo peso que a opinião de um homem.

A mudança na visibilidade das mulheres que participam do turismo inspira outras mulheres a se envolverem em atividades que antes eram vistas como exclusivamente masculinas. A participação ativa dessas mulheres em espaços coletivos, como o turismo, proporciona um senso de pertencimento e realização pessoal.

O turismo também teve um impacto significativo no empoderamento econômico das mulheres, oferecendo novas oportunidades de renda e autonomia financeira. Antes, muitas mulheres dependiam financeiramente de seus maridos, mas agora encontraram fontes adicionais de renda através de atividades como artesanato, comercialização de produtos locais e prestação de serviços turísticos. Uma entrevistada destacou: "Eu vejo que o turismo é uma coisa boa, começando pela renda das mulheres que antes só dependiam do marido" (Entrevistada 7).

Além do aspecto econômico, a participação das mulheres nas atividades turísticas também gerou uma mudança cultural significativa, valorizando as produções locais antes desconsideradas. Elementos como pena, sementes e cipós ganharam novo significado, refletindo não apenas uma transformação na economia local, mas também na autoestima e autonomia das mulheres. Uma entrevistada observou: "Vejo que a participação das mulheres em atividades turísticas ampliou suas possibilidades de renda, favorecendo a autoestima e autonomia" (Entrevistada 8).

Os relatos dos moradores que têm contato direto com as mulheres envolvidas no turismo reforçam essa transformação econômica e social. O turismo não apenas proporcionou uma fonte adicional de renda, mas também permitiu que as mulheres se tornassem mais independentes financeiramente, tomando suas próprias decisões e contribuindo para o sustento familiar. Um entrevistado compartilhou: "Com o passar do tempo e com a chegada do turismo as mulheres começaram a ganhar dinheiro e ter mais autonomia financeira" (Entrevistado 4).



Esses relatos evidenciam como o turismo se tornou uma força transformadora nas condições econômicas e sociais das mulheres na comunidade, proporcionando oportunidades para a realização de sonhos, sustento familiar e melhoria na qualidade de vida, tudo isso enquanto conciliam com sua carga de trabalho doméstico e familiar.

O empoderamento político das mulheres na comunidade revela uma mudança gradual nas dinâmicas de participação e influência. Embora as mulheres que se envolvem com o turismo estejam mais presentes em reuniões e se esforcem para reivindicar seus direitos, enfrentam desafios na aceitação plena de suas opiniões. Uma entrevistada observou: "Vejo que a participação das mulheres no turismo fez com que elas participassem mais das reuniões e das decisões na comunidade, elas procuram mais reivindicar seus direitos" (Entrevistada 7).

As percepções das pessoas envolvidas com as mulheres no turismo refletem esse cenário, em que ainda persistem discursos machistas e falta de representatividade feminina em algumas situações. No entanto, é notável o aumento da visibilidade das mulheres em eventos e capacitações, indicando um interesse crescente em participar ativamente das atividades comunitárias. Um entrevistado mencionou: "Vejo mais visibilidade, por exemplo quando tem reuniões, capacitações na comunidade grande parte do público é feminino" (Entrevistado 21).

A análise das entrevistas revela o esforço das mulheres em expressar suas opiniões e buscar participação nas decisões comunitárias, mesmo diante das dificuldades em serem plenamente ouvidas. O empoderamento político das mulheres na comunidade ainda está em processo, exigindo uma mudança cultural e a valorização da diversidade de vozes para que elas alcancem reconhecimento e poder decisório mais efetivos. Conforme expresso por uma entrevistada: "Hoje eu sou mais ouvida, mas vejo que ainda não tem tanta confiança na minha opinião" (Entrevistada 6).

O machismo que permeia o cotidiano das mulheres indígenas da comunidade Catu está profundamente entrelaçado a uma visão patriarcal que historicamente as relegou à dependência das decisões dos homens. Esse sistema, respaldado por discursos e comportamentos machistas, criou um ambiente que aprisionou as mulheres, sufocando suas vozes e limitando suas participações nas decisões comunitárias. O processo de empoderamento das mulheres necessita questionar as relações patriarcais, implicando, conseqüentemente, em alterações no controle exercido pelos homens sobre as mulheres, especialmente aquelas dentro de seu círculo doméstico. Dessa forma, o empoderamento feminino implica na renúncia à posição de privilégio conferida aos homens pelo sistema patriarcal (BATLIWALA, 1994).

Elas também destacaram que mesmo com o envolvimento no turismo, as mulheres continuam a realizar suas atividades cotidianas domésticas, considerando o turismo como uma atividade extra que se soma às suas responsabilidades existentes, essa carga desproporcional de responsabilidades domésticas impacta a participação em atividades profissionais e sociais. A divisão sexual do trabalho



baseado no machismo estrutural restringe o potencial das mulheres e perpetuam um ciclo de desigualdade de gênero.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo oferecer uma análise sobre a influência do Turismo de Base Comunitária no empoderamento feminino na comunidade indígena Catu dos Eleotérios. O trabalho revelou transformações sociais, econômicas e culturais vivenciadas pelas mulheres catuzeiras, destacando seu empoderamento nas dimensões psicológica, social, econômica e política.

No âmbito do empoderamento psicológico, observou-se uma elevação notável na autoestima e confiança das mulheres. O envolvimento ativo na produção de produtos e serviços turísticos permitiu que elas se reconhecessem como protagonistas de suas próprias histórias, contribuindo para uma mudança positiva em suas percepções pessoais e sociais. A valorização de suas habilidades, sejam elas na produção de artesanato, no cultivo de plantas medicinais ou em outras áreas, proporcionaram um sentimento de realização e reconhecimento.

No que se refere ao empoderamento social, a participação das mulheres nas atividades turísticas se traduziu em maior visibilidade e voz na comunidade. A presença expressiva delas em reuniões, tomadas de decisão e eventos comunitários evidenciou uma maior participação na esfera pública, que, por sua vez, fortaleceu suas posições sociais. A capacidade de expressar suas opiniões nos espaços coletivos foi uma conquista notável.

No campo econômico, o turismo proporcionou às mulheres uma fonte alternativa de renda. A comercialização de produtos artesanais, ervas medicinais e a prestação de serviços turísticos se revelaram não apenas como atividades geradoras de receita, mas também como meios para alcançar independência financeira. Essa autonomia econômica tem impactos diretos na capacidade das mulheres de tomar decisões sobre suas vidas e nas dinâmicas familiares.

O empoderamento político também foi uma dimensão influenciada pelo TBC. A participação ativa das mulheres em organizações locais e iniciativas comunitárias indicou um engajamento político maior, mas as mulheres catuzeiras ainda enfrentam desafios para que suas vozes sejam devidamente respeitadas e consideradas nas tomadas de decisão da comunidade.

O desenvolvimento do TBC, embora promissor na comunidade, depara-se com uma realidade de gênero ainda muito desigual, em que as estruturas patriarcais historicamente arraigadas delinearam os papéis das mulheres, as suas responsabilidades domésticas e restringiram sua participação política e social. O enfrentamento dessas estruturas patriarcais emerge como um desafio primordial, em que o TBC parece dar uma significativa contribuição.



As mulheres estão se mobilizando, desafiando estereótipos e reivindicando seu espaço na tomada de decisões. Essa resistência não apenas confronta as práticas discriminatórias enraizadas, mas também destaca a força e a determinação das mulheres indígenas em redefinir as dinâmicas de poder. O processo de superação do machismo é um caminho desafiador, mas as mulheres do Catu demonstram uma resiliência notável na construção de um futuro mais equitativo e inclusivo.

A sustentabilidade das iniciativas turísticas, o acesso igualitário às oportunidades e à gestão participativa são elementos cruciais para consolidar e expandir os benefícios do TBC para o empoderamento feminino na comunidade indígena Catu. O caminho rumo à equidade e justiça social exige esforços contínuos para superar barreiras e promover uma transformação duradoura.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÓN, D. M.; MULLOR, E. C. **Dimensiones de género del trabajo turístico**. Barcelona: Alba Sud editorial, 2018.
- ALMEIDA, T. C.; EMMENDOERFER, M. L. Turismo de Base Comunitária e desenvolvimento local sustentável: conexões e reflexões. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 11, n. 1, p. 1-21, 2023.
- ALVES, K. S.; MOREIRA, M. I. C. M. Trabalho em turismo e relações de gênero. In: ALVES, K. S. (Org.). **Turismo, trabalho e gênero: uma abordagem interdisciplinar**. Ouro Preto: UFOP, 2016, p. 16–29.
- ARAÚJO, M. Turismo de base comunitária com foco em gênero: estudo de caso na Comunidade Morro Santo Antônio, Município de Itabira-MG. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 2, p. 34-61, 2016.
- BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. Apresentação. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009, p. 13-24.
- BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L.C. (Ed.). **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**. Boston: Harvard University Press, 1994, p.127-138.
- BRAGA, M. B.; SELVA, V. S. F. O Turismo de Base Comunitária pode ser um caminho para o desenvolvimento local? **REDE-Revista Eletrônica do PRODEMA**, v. 10, n. 1, p. 38-53, 2016.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Responsável no Brasil**. Brasília: MTur, 2023.
- CHAVES, K. A. Corpo-território, reprodução social e cosmopolítica: reflexões a partir das lutas das mulheres indígenas no Brasil. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 25, n. 4, p. 51-71, 2021.
- CHRISTOFIDES, Louis N.; POLYCARPOU, Alexandros; VRACHIMIS, Konstantinos. Gender wage gaps, 'sticky floors' and 'glass ceilings' in Europe. **Labour Economics**, v. 21, p. 86-102, 2013.
- COLE, S. Introduction: gender equality and tourism-beyond empowerment. In: COLE, S. (Org.). **Gender equality and tourism: beyond empowerment**. Wallingford UK: CAB International, 2018, p. 1-13.



- CONCEIÇÃO, K. F. D. J. D. **A invisibilidade do indígena no processo eleitoral brasileiro: as Organizações Indígenas e a luta pela representação política.** Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- CORIOLO, L. N. M. T. O turismo comunitário no Nordeste brasileiro. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 277-287.
- FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P.; COSTA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 3, p. 172-190, 2016.
- FERGUSON, L. Turismo, igualdad de género y empoderamiento de las mujeres en Centroamérica. **Papeles de relaciones ecosociales y cambio global**, n. 111, p. 123-133, 2010.
- GABRIELLI, C. Mulheres no mercado turístico brasileiro: reflexões e perspectivas à luz dos estudos de gênero. **Revista Rosa Dos Ventos - Turismo E Hospitalidade**, v. 13, n. 4, p.1049-1069, 2021.
- GABRIELLI, C.; FERRO, A. R.; RODRIGUES, R. V. Turismo de Base Comunitária como prática da economia solidária: observações com ênfase em gênero no interior de São Paulo (Iperó). In: **CIRIEC World Conference in Latin America.** Salvador: EDUNEB, 2022.
- GUAJAJARA, M. J. D. S. B.; SANTOS, S. C. Tecidos, linhas e agulhas: mulheres indígenas e a "costura" de interlocuções no contexto da pandemia. **Vukápanavo Revista Terena**, v. 3, p. 103-114, 2020.
- GUAJAJARA, S. **A perspectiva indígena para um outro mundo.** Conferência apresentada no Seminário Internacional Fazendo Gênero, 12, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46IJ0z94NXQ&t=1518s>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- HALLACK, N.; BURGOS, A.; CARNEIRO, D. M. R. Turismo de Base Comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. **Ambientalmente Sustentable**, v. 1, n. 11, p. 7-25, 2011.
- IBGE. **Censo Demográfico 2022 Indígenas: primeiros resultados, 2023.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102018.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- IBGE. **O Brasil indígena, 2013.** Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-dez/pdf-brasil-ind.pdf>
- IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre Turismo de Base Comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.
- ISA. Instituto Socioambiental. **Mapa das organizações de mulheres indígenas no Brasil.** Instituto Socioambiental, 2020. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/brasil/mapa-das-organizacoes-de-mulheres-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e sociedade**, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.
- KRENAK, A. Paisagens, territórios e pressão colonial. **Espaço Ameríndio**, v. 9, n. 3, p. 327-343, 2015.
- LIMA, M. A. G. D.; IRVING, M. D. A.; OLIVEIRA, E. Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, e-2094, 2022.





MATOS, M. H. O. Mulheres no movimento indígena: do espaço de complementaridade ao lugar da especificidade. In: SACCHI, A.; GRAMKOW, M. M. (Orgs.). **Gênero e povos indígenas**. Rio de Janeiro, RJ: Museu do Índio, 2012, p. 140-171.

MENDONÇA, T. C. D. M. **Turismo e participação comunitária**: Prainha do Canto Verde, a "Canoa" que não quebrou e a "Fonte" que não secou. Dissertação (Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MINASI, S. M.; MAYER, V. F.; SANTOS, G. E. D. O. Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, e-2494, 2022.

OLIVEIRA, L. D. S. **A pandemia Covid-19 e seus impactos no etnoturismo**: um estudo na Comunidade Indígena Catu dos Eleotérios, Rio Grande do Norte/Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

PIMENTEL, M. J. D. S. **Análise do potencial de desenvolvimento do turismo étnico-criativo na comunidade indígena do Catu dos Eleotérios**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão do Turismo) - Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Canguaretama, 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2000.

REIS, C. U. F. Trabalho e turismo: oportunidades e desafios do Turismo de Base Comunitária (TBC) para a equidade de gênero. In: XXV Semana Paranaense de Turismo da UFPR, 15, 2018, Curitiba. **Anais**, Curitiba, UFPR, 2018.

RICHTER, L. K. Exploring the political role of gender in tourism research. In: W. F. THEOBALD, W. F. (Org.). **Global tourism**. 3 ed. Elsevier, 2005, p. 426-439.

RODRÍGUEZ, G.; VIZCARRA, I. Turismo comunitário e gênero: a incorporação da mulher no projeto turístico de Ejido El Rosario, Ocampo, México. **Revista Española de Desenvolvimento Rural**, v. 6, n.1, p. 55-70, 2015.

SACCHI, A. Mulheres indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. **Revista Antropológicas**, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2003.

SACCHI, A. Violências e Mulheres Indígenas: justiça comunitária, eficácia das leis e agência feminina/Violences and indigenous women: community justice, effectiveness of laws and female agency. **Patrimônio e Memória**, v. 10, n. 2, p. 62-74, 2014.

SCHEYVENS, R. Ecotourism and the empowerment of local communities. **Tourism Management**, v. 20, p. 245-249, 1999.

SILVA, C. M. M. D. ... **Em busca da realidade...**: a experiência da etnicidade dos Eleotérios (Catu/RN). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVA, M. D. G. S. N.; SIVA, J. da C.; WARAM, F. O.; PINHEIRO, T. T. Organizações de mulheres indígenas na Amazônia. **Revista Ciência Geográfica**, v. 25, p. 930-931, 2021.

SOARES, A. M. P. S. Mulheres Originárias: reflexões com movimentos de indígenas mulheres sobre as existências e inexistências de feminismos indígenas. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, v. 30, n. 2, p.46, 2021.

STANISTREET, D.; SWAMI, V.; PAPA, D.; BAMBRA, C.; SCOTT-SAMUEL, A. Women's empowerment and violent death among women and men in Europe: an ecological study. **Journal of Men's Health and Gender**, v. 4, n. 3, p. 257-265, 2007.





STROMQUIST, N. P. Education as a means for empowering women. In: PARPART, J.; RAI, S.; STAUDT, K. (eds). **Rethinking empowerment: gender and development in a global/local world**. London: Routledge, 2002, p. 22-38.

UNWTO. **Global Report on Women in Tourism** – Second Edition. Madri: UNWTO, 2019.

VERDUM, R. Mulheres Indígenas, Direitos e Políticas Públicas. In: VERDUM, R. (Org.) **Mulheres Indígenas, Direitos e Políticas Públicas**. Brasília: Inesc, 2008, p. 7-20.

VIEIRA, K. C. D.; ARAÚJO, M. D. N. F.; CÂMARA, R. D. J. B.; RIBEIRO, R. T. Protagonismo feminino e o turismo de base comunitária: um estudo das empreendedoras de Betânia e Travosa do município de Santo Amaro do Maranhão. **Revista Turismo Estudos e Práticas- RTEP**, v. 11, n. 2, p. 1-20, 2022.

XAKRIABÁ, C. C. **Célia Xakriabá defende produção acadêmica indígena**. *UnBTV*, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdlEP0v0CW8>. Acesso em: 10 dez. 2023.